

Discurso - 25 de Abril

Senhora e Senhor Presidente da Assembleia Municipal,
Senhores e Senhores Membros da Mesa,
Senhor Presidente da Câmara Municipal,
Senhora e Senhores Vereadores,
Senhoras e Senhores Deputados Municipais,
Senhoras e Senhores,

Hoje celebramos o 25 de Abril.
Celebramos a liberdade, a democracia e a dignidade humana.
Mas celebramos também aquilo que tantas vezes damos por garantido,
e que nunca o devia ser.
Celebramos direitos que só valorizamos plenamente quando estão em
risco ou quando nos faltam.

O 25 de Abril não foi apenas uma mudança política.
Foi uma profunda transformação social, cultural e humana.
Foi a coragem de romper com o medo.
Foi a escolha coletiva de um futuro diferente.

Antes do 25 de Abril, reinava o medo.
Medo de falar.
Medo de discordar.
Medo de pensar diferente.

Havia censura, perseguição política, prisões, desigualdade.
Havia vidas condicionadas à nascença, à classe social, ao género, ao
território onde se vivia.
Havia um país onde muitos não tinham voz,
e onde muitos outros eram obrigados a calar-se.

É importante recordar isto.
Não por ressentimento,
mas por responsabilidade.

Porque uma democracia que esquece o que foi a ditadura abre espaço para que os erros do passado se repitam.

O 25 de Abril trouxe uma ideia simples e profundamente revolucionária: todos os cidadãos são iguais em direitos e deveres.

Esta igualdade não é apenas uma frase bonita na Constituição.
É o reconhecimento de que a dignidade humana não depende da origem social,
do género, da profissão ou do lugar onde se nasce.



Foi Abril que abriu as portas das escolas e das universidades.
Foi Abril que tornou possível a participação política.
Foi Abril que afirmou que ninguém deve ser discriminado ou excluído.

Mas importa dizê-lo com clareza:
a igualdade não é um ponto de chegada.
É um caminho permanente.
É um trabalho diário.
É uma exigência constante às instituições e à ação política.

Quando falamos do 25 de Abril, falamos também das responsabilidades do presente.
E é a partir dessa responsabilidade que falo hoje.
Falo enquanto jovem,
e falo enquanto mulher.

Tenho 19 anos.

Não vivi a ditadura.
Não vivi a revolução.
Mas vivo todos os dias a liberdade que dela resultou.

Nasci em liberdade.
Nunca conheci a censura.
Nunca tive medo de falar, de questionar, ou de discordar.
Nunca precisei de pedir autorização para pensar.

A minha geração cresceu num país onde votar é normal,
onde protestar é permitido,
onde a participação política é um direito.

Mas sabemos que nem sempre foi assim.
Tudo aquilo que hoje nos parece natural foi conquistado com risco, com
sacrifício
e com uma recusa clara da resignação.

Nada disto caiu do céu.

Nada disto está garantido para sempre.



A forma como uma geração vive hoje a liberdade resulta das
oportunidades que Abril abriu. Como abriu também a mim, enquanto
jovem mulher.

Antes do 25 de Abril, as mulheres estavam afastadas da vida pública e
da decisão política, muitas vezes confinadas ao silêncio e à obediência.
Durante a revolução, estiveram presentes. Nas ruas, no trabalho, na
resistência quotidiana e na luta pela mudança.
E depois de Abril, conquistaram direitos, espaço e voz.

O facto de hoje mulheres ocuparem lugares na vida política, nas
assembleias, nos órgãos de decisão, não é um dado adquirido: é uma
conquista democrática.

É o resultado de um caminho coletivo que transformou direitos negados
em direitos exercidos.

É o direito de estudar, de escolher, de intervir, de participar na vida
pública.

Mas ser jovem e mulher em democracia é também reconhecer que o
caminho ainda não está terminado.

Persistem desigualdades, discriminações e preconceitos... muitas vezes
silenciosos, outras vezes evidentes.

E é por isso que o legado do 25 de Abril não pode ser encarado como
fechado ou concluído.

Este percurso de conquista e consolidação construiu-se e continua a construir-se, num diálogo permanente entre gerações.

Dos que tiveram a coragem de derrubar a ditadura.

Dos que, ao longo dos anos, consolidaram a democracia nas instituições e na vida quotidiana.

E dos mais jovens, que assumem a responsabilidade de cuidar deste legado, de o atualizar e de o defender.

A liberdade atravessa gerações como um fio invisível de responsabilidade. Se uma falhar, enfraquece-se para todas.

Porque a democracia só se realiza plenamente quando inclui todas as vozes, todas as experiências, e todas as gerações.

A minha geração herdou direitos conquistados pelos nossos avós, pelos nossos pais, pelos nossos tios.

Mas herdou também uma responsabilidade.

A responsabilidade de proteger esses direitos.

E, mais do que isso,

a responsabilidade de continuar a lutar para que eles sejam plenamente cumpridos.

Porque honrar o 25 de Abril não é apenas celebrar o passado.

Não é apenas participar em cerimónias, evocar símbolos ou repetir palavras bonitas.

Honar o 25 de Abril é assumir um compromisso no presente.

É garantir que a liberdade não seja esvaziada de sentido.

É garantir que a democracia não se transforme num ritual sem conteúdo.

É assegurar que a igualdade não fica apenas escrita na lei.

Eu acredito, e trabalho, por um país mais justo, mais igual e mais solidário.

Um país onde os direitos não sejam postos em causa.

Onde a liberdade não seja posta em causa nem relativizada.

Um país onde o local de nascença, o género ou a condição social não sejam motivos de exclusão.
Onde ninguém fique para trás.

A liberdade, a democracia e a igualdade de direitos definem quem somos enquanto país.
Sem elas, não há futuro,
E sem o 25 de Abril,
nada disto existiria.

O 25 de Abril não se cumpre sozinho.
Cumpre-se todos os dias, nas escolhas que fazemos, nas posições que assumimos, nas decisões que tomamos.
Depende de nós garantir que a liberdade nunca volte a ser um desejo, mas que seja uma realidade vivida..
E hoje temos esse poder nas nossas mãos.
A responsabilidade é nossa.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

O 25 de Abril não é apenas uma data histórica.
Não pertence apenas ao passado.
Pertence ao presente e exige futuro

É um compromisso permanente.

Enquanto houver quem participe,
enquanto houver espírito crítico,
enquanto houver quem questione,
enquanto houver quem não se conforme,

a democracia viverá.

E enquanto a democracia viver,
o 25 de Abril continuará vivo.
Na memória, mas sobretudo na prática coletiva.



E nunca se esqueçam,

O 25 de Abril só vencerá de verdade se nunca deixarmos que a liberdade volte a ser um sonho.



Viva a Liberdade!
Viva a Democracia!
Viva o 25 de Abril!

Obrigada.

⊗ E por isso, de Crans ao peito e punho erguido, digo